

A PALEOGRAFIA E A EVOLUÇÃO DAS LETRAS

THE PALAEOGRAPHY AND THE EVOLUTION OF LETTERS

João Euripedes Franklin Leal¹

RESUMO: O trabalho fala da origem das letras do alfabeto latino e das várias formas de escrever, desde Roma clássica, passando pela Idade Média, com o aparecimento da escrita dita Carolínea, seguida da Gótica com suas variações, até a implantação da atual escrita Humanística no século quinze.

Palavras-chave: Origem das letras. Variações de escritas. Roma. Carolínea. Gótico. Humanística.

ABSTRACT: The origin of Latin alphabetic symbols and the variations of writing forms since Rome, Middle Ages, Carolingian period and different Gothic scripts, until the appearing of our usual Humanist form.

Keywords: Alphabetic symbols. handwriting' variations. Rome. Carolingian. Gothic. Humanist form.

¹ Professor Livre-Docente de Paleografia. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. jfranklinleal@hotmail.com

Os primeiros símbolos da escrita foram os pictogramas, nos quais os desenhos eram usados para designar as próprias coisas e situações como por exemplo, o sol representado pelo seu próprio desenho tradicional. Era a escrita ideográfica, com sua representação realística de cada idéia ou palavra. Esta forma primitiva de escrita passou a ter um sério problema: a grande quantidade de símbolos e a complexidade das representações gráficas para se interdiferenciarem.

Assim, este sistema de escrita deu lugar a uma forma mais simplificada de escrever que foi a escrita silabográfica, em que os sinais representavam os sons das sílabas.

Entretanto o grande avanço foi com a criação da escrita fonética, em que cada som passou a ter um símbolo individual a que chamamos letra. Com isto houve uma enorme redução de caracteres necessários para a composição das palavras.

Foi no Oriente Médio que os sistemas silábicos da antiga escrita sumérica (\pm 3200 a.C.), transformaram-se na escrita cuneiforme acadiana (2000 a 600 a. C.) e seus importantes pólos de irradiação foram as civilizações babilônicas e assíria, que se desenvolveram na região da Mesopotâmia.

Nesta altura, egípcios e acadianos, usavam uma língua semítica do mesmo tronco que hoje pertence o hebraico e o árabe.

Os semitas desenvolveram no nordeste da África, no Egito, um sistema de escrita, dito hieróglifos, que atendia suas necessidades, enquanto que na região mais a leste, na Mesopotâmia asiática, se usava outro e diferenciado sistema, o cuneiforme.

Entre estes dois pólos de civilização, estavam outros povos semitas, que viviam do intercâmbio comercial nesta área do Mediterrâneo e vendo a praticidade dos cuneiformes aliados à qualidade gráfica dos hieróglifos, fizeram surgir uma escrita com boa base na escrita egípcia aliada à funcionalidade dos sinais mesopotâmicos. Foram os fenícios, ancestrais dos libaneses, que com objetivo de facilitar sua atuação comercial no Mediterrâneo, criaram o alfabeto no século XIV a. C. Este sistema sofreu constantes mutações e já no século XI a. C., apresentou sua forma definitiva com 22 letras. Foi ele a base de várias outras escritas como hebraica, a aramaica, a púnica, a árabe, a grega e a latina.

A idéia da escrita fenícia era de ter-se um conjunto de poucos caracteres, ou letras e com uma forma gráfica de fácil desenho. Também organizaram uma lista de palavras na qual, cada uma delas iniciava-se com o som de uma consoante diferente e com associação a um hieróglifo egípcio que pudesse ser usado, para representar os sons

iniciais. Estava criado o alfabeto que era composto, inicialmente, só de consoantes e que originou a escrita puramente fonética.

Assim, para escrever, era só necessário decompor as sílabas em elementos vocálicos e consonantais. Bastava saber o nome das letras, reconhecendo o som consonantal inicial e usar outras letras para representar as consoantes necessárias na composição da palavra.

Segundo o historiador Heródoto um príncipe fenício, Cadmos, século XIII, mudou-se para a Boécia, na Grécia, fundando a cidade de Tebas e aplicou os sinais do alfabeto fenício à escrita da língua grega.

Foram os gregos que, para adaptar a escrita fenícia a sua língua, passaram a usar as vogais. Todo o processo já estava solidificado no século IV a. C. com um alfabeto de 24 letras. Os semitas escreviam da direita para a esquerda, já os gregos que inicialmente usaram a forma bustrofedom (caminho do boi), isto é uma linha da esquerda para direita e a seguinte da direita para a esquerda e assim sucessivamente, adotaram posteriormente a forma, hoje ocidental, da esquerda para a direita.

Na península itálica, os etruscos, povo que ali se instalou em torno do século XI a.C., possuía uma escrita já baseada no alfabeto grego na altura do século VII a.C. com 26 letras. Entretanto com a supremacia de Roma na península e o domínio da sua língua, o latim, os romanos passaram a usar 21 letras originais do alfabeto grego, mas com algumas modificações gráficas e fonéticas. A mais importante refere-se aos sons de K e de G, pois a letra C, que originalmente representava o som G, passou a representar o som K e a letra K que representava o som K, caiu em desuso. Para então representar o som G os romanos adotaram a letra C, mas com uma barra vertical, no meio da letra, dando origem a uma nova representação de letra, o G.

Os romanos também alteraram o nome das letras para uma forma monossilábica (bê, cê, dê etc...), entretanto, no século I a.C., havia duas maneiras de expressar o nome de algumas letras: a antiga, como no exemplo acima e usada até hoje e uma da época, com a colocação de um E inicial antes das consoantes, como em EF, EL, EM, EN, ER, ES o que explica hoje a falta de uniformidade nos nomes das letras.

Algumas letras surgiram a posteriori, como U que no latim e mesmo no português mais arcaico não existia e era representado pelo V.

A letra jota foi produto da escrita gótica medieval onde, em algumas palavras, a representação de dois is juntos fazia parecer ser um u. Para diferenciar estabeleceu-se que o segundo i seria caldado, originando assim o J. O pingo do i iniciou-se seu uso no século XI também para facilitar sua identificação na escrita medieval. O C com

cedilha surgiu na península ibérica, na época da estruturação das línguas neo-latinas medievais e a cedilha é a deturpação de um pequeno zê que era colocado sob a letra.

A letra é um sinal gráfico com o qual se representa os sons de uma língua. A história das letras de nosso alfabeto é também um pouco da história da língua e da evolução do ductus ou traçado da sua escrita, que tanto interessa à paleografia.

Muito interessante é conhecer o processo de evolução gráfica e origem de cada letra do alfabeto latino, que geralmente segue o seguinte roteiro egípcio-semítico-fenício-grego-etrusco-latino e sempre em seu aspecto maiúsculo, pois assim nasceram as letras, uma vez que o formato minúsculo surgiu tempos depois.

A letra A tem sua origem no pictograma do hieróglifo egípcio que representava a cabeça do boi Ápis. Sua representação foi transformada para a primeira letra do alfabeto fenício, com o nome de álef, que na sua língua significava boi. Esta letra tornou-se o alfa grego que originou o A latino.

A letra B originou-se do pictograma egípcio que representava uma casa de teto achatado, no estilo mediterrâneo, sendo que a palavra semítica beth significa casa e deu margem ao nome beta a esta letra no grego, de onde derivou o latino bê. No latim a letra B teve duas formas, a uncial e a clássica, sendo sua forma minúscula originária do cursivo latino.

A letra C, no antigo latim, representava os sons K e G e derivou-se da letra fenícia gimel que significava camelo, após passar pelo grego com a denominação de gama. Sua forma gráfica já era de inspiração egípcia.

A letra D tem sua origem fenícia no daleth, que em grego deu a letra delta. Seu desenho lembra uma porta, que já era o significado de daleth em fenício e hebraico e de sua representação nos hieróglifos egípcios.

A letra E vem do hieróglifo egípcio que significava olhar, contemplar e que deu origem a letra fenícia hé, que por sua vez originou a vogal grega épsilon, que o latim conservou e originou o nosso E. O minúsculo nasceu da deformação da escrita uncial do século IV.

A letra F originou-se inicialmente do hieróglifo egípcio, que significa gancho ou suporte que tornou-se a letra fenícia vau. Dela surgiu a letra dígama grega, que gerou o F latino.

A letra G existiu no hieróglifo hierático egípcio e na escrita hebraica como guimel, que tinha primitivamente o som de G e em grego a letra gama. Mas quando o C tomou o som de K criou-se um novo caráter, por alteração do G, para representação do fonema. Somente no

século IV a.c. é que foi realizada a distinção entre as duas consoantes.

A letra H teve origem no hieróglifo egípcio que significa cerca ou corda trançada, que em fenício é a letra heth que por seu lado originou a grega eta e depois o agá latino. O H minúsculo nasceu da deformação provocada pela escrita uncial.

A letra I surgiu do hieróglifo egípcio que representa uma mão e serviu de padrão para o iod fenício e hebreu. Este deu origem ao iota grego e posteriormente ao i latino. A letra I foi usada posteriormente na forma de i caldada ou j, pela escrita gótica até ser aceita, como nova letra, após o século XVI.

A letra K teve origem no egípcio, que representa uma mão virada para cima e deu origem a letra kaf fenícia, que significa palma da mão. Passou ao grego como kapa e depois ao latim.

A letra L surgiu do hieróglifo egípcio que representa um cajado e tornou-se o semítico lamed, que originou o grego lambda e o L latino.

A letra M teve sua origem na representação das ondas das águas na escrita egípcia, que passou para o fenício mem, que significa água, no grego mi e em latim eme. Foi na escrita uncial romana que os ângulos da letra tornaram-se mais arredondados.

A letra N provém da representação de uma serpente na escrita egípcia, que originou o nun hebraico e fenício, que fez surgir o ni grego antecessor do ene latino.

A letra O derivou da escrita egípcia significando olho, que deu origem ao fenício ayin que também significa olho, passando para o grego como ômicrom até o latim ô.

A letra P provém da escrita egípcia representando boca, tornando-se fenícia com mesmo significado e denominada pé, passando ao grego como pi e depois ao latim pê.

A letra Q é originária da representação gráfica da escrita egípcia que representa um nó, passando ao fenício com o nome de quof e com mesmo significado. Em grego deu o quopa que originou o que latino.

A letra R era representada na escrita egípcia hieroglífica pelo desenho de uma cabeça e passou para o fenício com o nome de rech e com o mesmo significado, tendo originado o rô grego e consequentemente o erre latino.

A letra S derivou do hieróglifo egípcio que significava dente, que originou o fenício chin, com mesmo significado, que passou ao grego como sigma e como esse para o latim.

A letra T significava marca na escrita egípcia e assim se manteve no fenício com o nome de tau, mesmo nome que se manteve em grego originando o t latino.

A letra U, V teve origem no hieróglifo egípcio que significa gancho ou suporte e deu origem a letra fenícia vau, com mesmo significado, passando para o grego com o nome de epsilon.

Sua história de V e U se confundem pelo uso indiscriminado da forma, que somente foi separada definitivamente no século XVII, tendo a forma reta tornada consoante e a forma arredondada uma vogal.

A letra X veio do hieróglifo egípcio que significava peixe e originou a letra samec que os gregos denominaram ksi e os latinos xis.

A letra Z provém do hieróglifo egípcio que representava a foice, passando fenício com o nome de zayim, ao grego com nome de dzeta e por fim do zê latino.

HIERÓGLIFOS EGÍPCIOS	SIGNIFICADO DOS HIERÓGLIFOS	LETRAS SEMITICAS (FENÍCIO)	NOME DAS LETRAS SEMITICAS	GREGO	NOME DAS LETRAS GREGAS	ROMANO
	boi		alef	A	alfa	A a
	casa		beth	B	beta	B b
	bumerangue		gimel	Γ	gama	C c
	porta		daleth	Δ	delta	D d
	olhar		hé	E	épsilon	E e
	gancho		vau		digama	F f
	cerca		heth	H	eta	H h
	mão		iod	I	iota	I i
	palma da mão		kaf	K	kapa	K k
	cajado		lamed	Λ	lambda	L l
	água		mem	M	mi	M m
	serpente		nun	N	ni	N n
	olho		ayin	ο	ômicron	O o
	boca		pé	Π	pi	P p
	nó		quof		quopa	Q q
	cabeça		rech	Ρ	rô	R r
	dente		chin	Σ	sigma	S s
	marca		tau	T	tau	T t
	gancho		vau	Υ	ipsilon	U u
	peixe		samec	Ξ	ksi	X x
	foice		zayin	Z	dzeta	Z z

Voltaire construiu uma frase belíssima para definir a escrita: “a escrita é a pintura da voz”. Esta escrita, que foi divisor de águas na história do homem, possui uma origem no sistema norte-semítico, que no seu ramo cananeu originou o alfabeto dito fenício, que adotado pelos gregos, em torno do século VIII a X a. C., atingiu, através de seu ramo ocidental ou calcídico, a península Itálica, mais propriamente os etruscos, em torno do século VI ou VII a. C. Adotado pelos etruscos, adaptado a sua fonética, este alfabeto foi recebido pelos latinos que, já no século VI a. C., usaram-no inicialmente com 21 letras, sendo depois estendido para 23, com a entrada do Y e do Z, e posteriormente para 25, com o aparecimento das formas gráficas chamadas ramistas do U e do J. O documento Fíbula de Preneste, do início do século VI a. C., com sua escrita comprova esta progressão do alfabeto e das formas das letras gregas para o romano. Esta escrita romana perdurou por cerca de um milênio e entrou em decomposição junto com o Império Romano, após apresentar sucessivamente as formas de letra chamadas de capital quadrada, ou elegante, e de capital rústica, além da posterior capital cursiva, que originou uma minúscula primitiva no século III d. C. Nesta sequência de letras romanas surgiu um último modelo de letra que foi denominado uncial, juntamente com sua paralela semi/uncial, findando assim a escrita junto com o Império Romano do Ocidente.

Entretanto, com as invasões bárbaras, com a desagregação cultural, artística e econômica da Europa nos séculos V e VI e a decadência romana, houve uma reformulação particularizada da escrita, que, com o devido respeito ao pai da paleografia Jean Mabillon, ao afirmar o aparecimento de “escritas nacionais” como escritas advindas dos bárbaros, contrapomos com o estudo de Scipioni Maffei, que provou a unicidade e a continuidade da escrita européia. Assim como a história não dá saldos, a história da escrita possui uma sequência lógica e comprovada racionalmente, que, o alfabeto latino, com suas letras romanas, desenvolveu-se em escritas reorganizadas na Europa nas formas visigótica, merovíngia, irlandesa ou insular, curialis, beneventana ou montecassinense, lombárdica, as quais, na altura do século IX, sob Carlos Magno, foram suplantadas pela chamada letra palatina (mais conhecida por carolina ou carolíngia), que foi adotada como letra de seu império, tendo como exemplo a produção librária do mosteiro de São Martinho, na cidade de Tour. Essa produção teve como principal articulador Alcuino de York, que, juntando seu conhecimento de escrita irlandesa – que reconhecidamente é vista como exemplo de qualidade, principalmente por seu modelo chamado Book of Kell (tido como a perfeição da escrita medieval, apesar de incompleto) – e unindo a forma da escrita semi-uncial do final do Império Romano, produziu a bela forma adotada pelo Império Carolíngio, que necessitava

de uma letra de clareza comprovada e de fácil manejo para escrever e para a prática corriqueira da burocracia de iniciava. Esta letra estava ligada à produção dos grandes mosteiros medievais.

É esta letra carolina o fundamento da escrita gótica. Hoje, sem sombra de dúvida, após os estudos de Jean Mallon está demonstrado o liame de filiação da escrita gótica à escrita carolina. Desta escrita carolina é essencial seu conhecimento para haver uma real informação do que foi a gótica.

A escrita carolina durou do século IX ao século XII e era uma bela letra minúscula de forma arredondada, com hastes baixas, bem proporcionada, simples como convém ao que procura ser perfeito, regular, apresentando letras independentes e quase sem uso de nexos. Foi a escrita que dominou rapidamente o Ocidente europeu, excetuando, entretanto, a região do Benevento no sul italiano, que persistiu com sua escrita dita Montecassinense, sem se contagiar pelo modelo originário do governo de Aquisgrana.

Em geral, na Europa ocidental, depois da metade do século XII, surgiu, fruto dos exageros nos ductos da minúscula carolínea e do enrijecimento dos traços que a compunham, um tipo de escrita que foi posteriormente denominada pelos seus críticos renascentistas de gótica, mas os contemporâneos chamavam de angular ou escolástica. Esta letra foi por três séculos (século XII ao século XV) a escrita própria dos códices. Esta foi a escrita própria das grandes universidades européias, que se formaram e que adotaram rapidamente sua forma como própria para a composição de seus códices, de suas “pecias”, e daí a denominação de escolástica.

Na Itália, rapidamente foi seguida para o uso litúrgico, apesar de a Cúria romana ainda persistir, para alguns de seus diplomas, no uso da forma de escrita dita curialis.

A origem da letra dita gótica está na região norte-oriental da França, na Normandia, na região do Brabante, em torno do início do século XII.

Esta letra fundamentalmente difere da sua antecessora pelo enrijecimento de seus ductos, pela tendência a ligação de letras entre si, pelo grande número de abreviaturas, pelo contraste entre o traço finíssimo e o traço largo numa mesma letra, pela escrita extremamente uniforme e repetitiva.

Alguns aspectos diferem de região para região, como na Inglaterra e na Alemanha, onde a forma aguda da letra foi muito mais acentuada que em regiões latinas.

O estilo gótico era muito variado, sendo mesmo até um pouco impreciso e complicado, refletindo talvez o aspecto cultural da época, com letras tendendo ao arredondamento em certas partes, mas sempre em forma quebrada ou de fratura.

No século seguinte ao seu aparecimento, ou seja, no século XIII, a letra tendeu a aparecer muito serrada, as abreviaturas aumentaram, as letras cresceram e houve uma certa decadência de seu estilo de ductos. A escrita, que até então era considerada também um elemento decorativo, começou a tomar uma liberdade que a afastou de sua original forma, gerando multiplicidade de estilos.

O gótico atingiu seu máximo desenvolvimento nos séculos XIV e XV, sobrevivendo no século XVI, especialmente em regiões periféricas da Europa, onde chegou a ser usado até o início do século XVII, como por exemplo na Galícia e residualmente ainda em Portugal.

Na França, a minúscula gótica derivou uma escrita escolástica dita *littera parisiensis*, muito pequena e pouco caligráfica, sempre tendendo a uma forma cursiva.

Na Inglaterra houve uma minúscula gótica altamente influenciada pela antiga letra insular e que iniciou o uso de pontos sobre as letras I ou J como sinal diacrítico e, em contraponto à escrita escolástica parisiense, surgiu o tipo de Oxford, quase análogo ao de Paris.

A escrita gótica sobreviveu ainda mais na tradicionalista Inglaterra e se desenvolveu nos modelos utilizados até ao século XVI e início do XVII, nas formas de Secretary Hand, usada na burocracia governamental, na forma de Court Hand, usada principalmente pelos notários da corte inglesa de posição hierárquica superior.

Na Itália, o gótico, menos anguloso e agudo, sofreu de uma falta de elegância que possuía a escrita antecessora, e o modelo básico foi a chamada *littera bononiensis*, que foi amplamente estudada no século passado por Luigi Schiaparelli e no século atual por Giorgio Cenceti. Esta letra gótica italiana atingiu com sua influência toda a região do Veneto, a Lombardia e até as regiões alpinas, mas no sul foi pequena sua influência após os Montes Apeninos.

Na Alemanha, o gótico encontrou sua principal área de influência, inclusive tornando-se praticamente um símbolo “nacional” e perpetuando-se muito além daquilo que foi razoável no território europeu.

O gótico tornou-se na Alemanha a chamada letra de fratura ou *fraktur*, usada inclusive pela imprensa até o século XIX e ainda no século XX reavivada no seu uso durante o breve período do nacional-socialismo.

O gótico alemão é tipicamente librário, regular, rígido com muitas ligaduras, com letras pesadas e de enorme agudez. Sua textura elimina quase totalmente a curva e os espaços fechados têm forma hexagonal. Traube foi o maior estudioso da escrita gótica alemã, ou letra *fraktur*.

No domínio da escrita ibérica, Portugal e Espanha, o gótico penetrou a partir do século XII, sendo primeiramente na região da Catalunha e em direção a Castela. Portugal e Galícia foram das últimas áreas a sofrer

esta transformação e conseqüentemente foram as que por mais tempo usaram esta escrita, independentemente do restante europeu já ter quase abandonado esta forma, que foi substituída pela letra dita humanística.

Na Ibéria, o gótico manteve seu traçado rápido e muito anguloso, com sua tendência de ligar as letras entre si. Na sua forma cursiva, os traços se toanram longos e muito finos, envolvendo o próprio corpo da letra conforme o caso.

O gótico ibérico permaneceu até o final do século XVI, mas a partir do meado do século XV surgiu sua primeira variante, chamada de letra cortesã, usada principalmente pela chancelaria régia e notários ligados à corte. Seu traçado é mais complicado e as letras tornaram-se mais arredondadas, ligando-se umas às outras.

Ainda no século XV surgiu um outro tipo caligráfico como variação do ductos da gótica que ficou conhecido como letra processual ou processada, que nada mais era que uma degenerescência da letra cortesã. Apesar de seus aspectos semelhantes e de suas abreviaturas quase análogas, ela era mais incorreta, com abundância de enlaces e com uma enorme irregularidade na separação das palavras.

Era uma letra usual nas repartições públicas e na vida cotidiana e uma boa parte foi fruto da vulgarização acelerada e mal preparada de arte de escrever. Um bom exemplo desta escrita processual é a carta de Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manuel dando conta do achamento da terra do Brasil. Ainda dentro de um processo degenerativo da arte de escrever, surgiu no século XVI uma outra variante gótica, que foi usual até princípios do século seguinte e, com boa razão, denominada letra encadeada. Este padrão de letra nada mais é que a letra processual escrita de forma ainda mais encadeada, na qual linhas inteiras eram produzidas sem se levantar a pena e as letras perdiam parte de sua identidade tornando-se aparentemente quase idênticas. Esta letra é de grande dificuldade de leitura, exigindo longa prática e imensa paciência.

Segundo estudiosos da história da escrita, especialmente Jean Mallon, a escrita gótica não é mais que um prolongamento acompanhado de uma mudança básica no seu ductos, fruto de alguns fatores como o uso de material para escrever de qualidade modificada. Isto se refere a uma questão tecnológica na produção do pergaminho (o papiro há muito havia sido abandonado). O pergaminho, mais bem polido e liso, possibilitava um manejo mais veloz da pena, que por seu lado também sofreu uma melhoria na sua produção, quando seu corte, que a bifurcava, passou a ser feito de forma mais aprimorada, o que colaborava na sua flexibilidade. A pena passou a ter um tratamento térmico que facilitava seus volteios, e como a bifurcação em sua extremidade era milimetricamente diferenciada, dava à escrita a possibilidade de produzir simultaneamente traços

finos e cheios, que são uma das características da gótica. Esta flexibilidade da pena facilitava também a produção da angulosidade típica. Segundo Jean Mallon, também colaborou nesta mudança de ductos da carolina para gótica a alteração da posição do pergaminho sobre a mesa para escrever. O pergaminho passou a ficar em posição oblíqua ao escrever, possibilitando o tombamento à esquerda da letra. Com o uso, a partir do século XIII e XIV, do material chamado papel, mantiveram-se as facilidades advindas do pergaminho mais bem estruturado tecnicamente.

Um dos grandes aspectos gráficos da chamada letra gótica era sua forma em “arco gótico”, como o usado na arquitetura de época, enquanto que a carolina usava um traçado que se aproximava do arquitetonicamente chamado arco romano.

Segundo alguns, as iluminuras copiando os vitrais eclesiásticos, influenciaram o aparecimento deste “arco gótico” nas letras, o que acreditamos que deve ser mais bem investigado.

É opinião corrente que a escrita gótica nada mais é que o fruto de uma nova realidade que ocorria na Europa, onde o aparecimento de universidades, especialmente as da Bolonha, Paris e Oxford, exigia uma letra mais veloz e rápida que permitisse que as “peças”, ou “*pecia*” de estudos fossem reproduzidas com maior velocidade e em maior quantidade para suprir as necessidades escolares. Daí seu nome de letra escolástica, porquanto seus usuários nunca haviam chamado pelo nome de gótica, que foi dado por seus grandes adversários, os humanistas, num sentido pejorativo e destinado a vinculá-la ao passado “bárbaro medieval” que tanto combatiam.

O célebre Petrarca dizia amar a leitura, mas que fosse em letra antiga, ou, como dizia, *littera antica*, se referindo a manuscritos em carolíneo, pois aquilo produzido pelos medievos em escrita de época era bárbaro, decadente e abominável.

A reação, no século XV, à letra gótica feita pelos humanistas e pelos renascentistas foi constante a ponto de levar Nicolo Nicolli e Poggio Bracciolini a procurarem uma letra que supunham romana para substituir a pejorativamente chamada gótica. Esta letra eles denominaram *littera antica*, pois julgavam ser de uso do período clássico romano, mas estudos bem posteriores mostraram ser a carolina, típica letra medieval, se bem que originária da semiuncial romana e da insular.

Nicolli e Bracciolini passaram a divulgar esta nova letra, que chamavam de moderna, na segunda década do século XV, e que hoje chamamos humanística, sendo a usual do mundo ocidental e depois adotada pela imprensa persistindo até a atualidade.

REFERÊNCIAS

- BERWANGER, Ana Regina, FRANKLIN, João Euripedes. *Noções de Paleografia e Diplomática*. Santa Maria, RS: Universidade Federal de Santa Maria, 1991.
- DIRINGER, David. *A Escrita*. Lisboa: Verbo 1985.
- DONATO, Hernani. *A Palavra Escrita*. S.Paulo: Melhoramentos 1960.
- CENCETTI, G. *Paleografia Latina*. Roma: Jouvence 1987.
- MALLON, Jean *De L'écriture*. Paris: CNRS, 1986.
- WEISE, O. *La Escritura y el Libro*. Barcelona: Labor 1935.
- SALVADOR, Gregório. *História de*